



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UEAD – UNIDADE DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
LÍNGUA ESPANHOLA**



**QUE ESPANHOL ENSINAR? PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE
LÍNGUA ESPANHOLA SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

Glécia Silva

João Pessoa-PB
Junho de 2018
GLÉCIA SILVA

**QUE ESPANHOL ENSINAR? PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE
LÍNGUA ESPANHOLA SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

TCC apresentado ao Curso de
Licenciatura em Letras Língua Espanhola
a Distância, da Universidade Federal da
Paraíba (UFPB VIRTUAL).

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda
Barboza de Lima

**QUE ESPANHOL ENSINAR? PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE
LÍNGUA ESPANHOLA SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA**

TCC apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras Língua Espanhola a Distância, da
Universidade Federal da Paraíba (UFPB VIRTUAL).

Aprovada em: 31 / 06 / 2018

BANCA EXAMINADORA

Fernanda Barboza de Lima.

Profa. Dra. Fernanda Barboza de Lima

Orientadora – UFPB

Laurênia Souto Sales.

Profa. Dra. Laurênia Souto Sales

Examinadora – UFPB

Jailto Luis Chaves de Lima Filho.

Prof. Dr. Jailto Luis Chaves de Lima Filho

Examinador – UFPB

PRÉVIA DA FICHA

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S579q Silva, Glecia.

QUE ESPANHOL ENSINAR? PERCEPÇÕES DE PROFESSORES DE
LÍNGUA ESPANHOLA SOBRE VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA / Glecia
Silva. - João Pessoa, 2018.
34 f.

Orientação: Fernanda Barboza Lima.
Monografia (Graduação) - UFPB/ufpb virtual.

1. Sociolinguística, variação linguística, ensino de.
I. Lima, Fernanda Barboza. II. Título.

UFPB/BC

“Sem a linguagem, o pensamento é uma nebulosa vaga,
inexplorada”.

Ferdinand de Saussure

RESUMO

A língua é um instrumento de difusão de culturas. Por isso, língua, sociedade e cultura caminham juntas, influenciando-se mutuamente. Estudar a língua de acordo com essa perspectiva é percebê-la em sua multiplicidade, inter-relacionando-a a fatores externos como o ambiente geográfico onde vivem seus falantes, religião que praticam, suas atividades econômicas, práticas culturais, dentre outros campos. Os estudos sociolinguísticos têm contribuído para uma compreensão mais ampla da realidade linguística. Contudo, ainda há dificuldade de pensar nas aulas de línguas estrangeiras como oportunidades de compreender a heterogeneidade linguística. Nessa perspectiva, o presente trabalho intenta colaborar com esse debate, buscando compreender como professores de Língua Espanhola avaliam suas aulas de espanhol no tocante ao trabalho com as questões sociovariacionistas. Para tanto, pedimos que 5 (cinco) professores de espanhol respondessem um questionário composto com 8 (oito) questões, que inquiriam sobre a compreensão desses professores a respeito das teorias sociolinguísticas, sua importância, e a contribuição dessas teorias para o ensino de Língua Espanhola. Teoricamente, baseamo-nos em obras de cunho sociovariacionista (Mollica, 1992; Tarallo, 1999; Labov, 1972) e que discutissem a pedagogia da variação linguística e sua inserção na formação de professores de Língua (Bortoni-Ricardo, 2005; Faraco, 2008). Compreendemos com os resultados que, embora seja unânime a compreensão da importância da inserção das teorias no ensino de Língua Espanhola, é perceptível o despreparo para a transposição dessas teorias para eventos de ensino.

Palavras-chave: Sociolinguística, variação linguística, ensino de espanhol

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1 CAMINHOS DA SOCIOLINGUÍSTICA	8
2.2 APLICABILIDADE DA SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA	11
2.3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE ESPANHOL	16
4. ANÁLISE DOS DADOS	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6. REFERÊNCIAS	30
APÊNDICES	

1. INTRODUÇÃO

Língua e sociedade influenciam-se mutuamente. As mudanças da sociedade refletem-se naturalmente na estrutura linguística e isso é demonstrado no léxico, na semântica, nos arranjos sintáticos, e revelado, principalmente, através da oralidade. O ensino de língua, nessa perspectiva, deve contemplar essa complexidade, pois a escola é, em si, um ambiente de variedades socioculturais e sociolinguísticas, é o espaço onde aqueles que estão começando a se pôr no mundo como cidadãos se encontram, trazendo em sua bagagem seus dialetos de grupo, seus sotaques, entonações, gírias etc.

É de suma importância o trabalho com a variação linguística em sala de aula. No que compete ao ensino de Língua Espanhola, especificamente, é vital que o professor leve em consideração a apresentação das variedades do Espanhol de acordo com o nível do aluno, pois, ao professor, cabe a missão de conciliar teoria e prática, ou seja, orientar os alunos a ampliarem suas competências comunicativas e a valorizarem as variedades linguísticas, sem taxá-las como “erradas” ou “certas”. O objetivo geral, será analisar a utilização dos princípios da sociolinguística educacional em aula de espanhol. Nesse sentido, a presente pesquisa se dispôs a contribuir com esse debate, buscando compreender como professores de Língua Espanhola avaliam suas aulas de espanhol no tocante ao trabalho com as questões sociovariacionistas. Partimos, inicialmente, de alguns questionamentos: os professores de Língua Espanhola trabalham as variações do espanhol em suas aulas? Como os professores de Língua Espanhola inserem o tema da variação linguística em suas aulas? Como hipóteses, pensamos que sim, os professores de Língua Espanhola trabalham, mesmo que superficialmente, às questões concernentes à variação linguística, por meio de textos e atividades, principalmente, presentes no Livro Didático adotado.

Para realização do estudo, partimos, primeiramente, para um levantamento bibliográfico de obras de cunho sociovariacionista, como Mollica e Braga (2003), Preti (2003), entre outros; e de obras que discutissem a pedagogia da variação linguística como Bortoni-Ricardo (2005), os PCN para ensino de línguas estrangeiras (2000), entre outras obrass.

A abordagem da pesquisa é quali-quantitativa, já que discute aspectos subjetivos da relação dinâmica do homem com a linguagem, mas também abarca

uma perspectiva numérica, já que demonstramos quantitativamente a compreensão de um pequeno grupo de pessoas sobre um dado social.

Para efetivação da pesquisa, foi elaborado um questionário com oito questões que inquiriam sobre a compreensão desses professores a respeito das teorias sociolinguísticas, sua importância, e a contribuição dessas teorias para o ensino de Língua Espanhola. Conseguimos entrevistar cinco professores de espanhol que atuam em escolas do ensino fundamental e médio da capital João Pessoa PB.

Para melhor compreensão do estudo, o trabalho foi dividido nas seguintes partes: uma fundamentação teórica, segmentada em três partes: um primeiro capítulo, que objetiva discorrer sobre os percursos históricos de surgimento, consolidação e propagação das teorias sociolinguísticas; um segundo, capítulo que visa discutir sobre a aplicabilidade das teorias sociovariacionistas; e um último capítulo, que debate sobre a importância das teorias da variação para o ensino de Língua Espanhola. Posterior à fundamentação teórica, e análise dos dados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CAMINHOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA

A sociolinguística é a área da linguística que correlaciona os aspectos sociais e os aspectos linguísticos. Nesse ponto de vista, não se pode olhar a língua como uma estrutura autônoma, mas, sim, relacionando-a a seus aspectos externos, ao seu uso social. Nos estudos sociolinguísticos, podemos destacar três principais grupos: a sociologia da linguagem, a etnografia da fala ou da comunicação, e a teoria da variação ou mudança.

A sociologia da linguagem é interpretada de forma diferente por diferentes autores. Podemos resumi-la como uma disciplina que objetiva relacionar língua e sociedade, estabelecendo as ações que devem ser desenvolvidas para que a partir da relação entre sociedade e linguagem compreendamos os fatos linguísticos (FISHMAN, 1995). Na perspectiva da sociologia da linguagem, quando dizemos que uma sociedade fala uma língua, isso significa que seus falantes adquirem o mesmo sistema linguístico, que corresponde ao que Saussure chama de linguagem e que é “[...] comum a todos os membros de uma comunidade linguística” (LYONS, 1982, p. 23). Dito de outro modo, no plano da linguagem, de um lado estão as bases

sociológicas e do outro as estruturas linguísticas. É a partir da análise da união desses dois vértices que temos as descrições da língua.

O segundo grupo em destaque, a etnografia da fala ou da comunicação, é realizada por meio da análise dos participantes em determinadas interações sociais. É extremamente importante, para essa linha de estudo, a seleção e compreensão das comunidades de fala, pois o grupo social deve ser investigado como um todo, onde a fala é apenas parte desse todo. Nesse processo, deve ser observado se as pessoas compartilham o mesmo espaço físico, as mesmas regras de uso da linguagem. Esses critérios são fundamentais para a identificação de uma comunidade de fala, ou seja, para que haja uma comunidade de fala, é necessário que haja um número favorável de pessoas que compartilham de uma mesma forma ou uso da linguagem, que compartilham um mesmo “sistema linguístico” (CASTANHEIRA; SANTOS, 2012).

Ao discutir sobre linguagem, sociedade e cultura, é importante destacar a linha da Sociolinguística Interacional, que, alinhando pressupostos da Sociologia, Antropologia e Filosofia, preocupa-se com a compreensão de como cada falante se comporta na interação e como, no âmbito coletivo, estabelece o contexto interacional. Assim, tanto na etnografia da comunicação quanto na sociolinguística interacional é levado em conta o discurso social, e ambas têm como alvo a fala dos sujeitos em interação (STILLER, 1998). Como pontos diferentes, podemos dizer que a etnografia da comunicação preocupa-se com os aspectos socioculturais de uma comunidade na perspectiva da interação verbal, enquanto a sociolinguística interacional preocupa-se com o estado das pessoas quando elas interagem, ou, dito de outro modo, como os sujeitos, dentro de contextos interacionais, significam o discurso em situações determinadas.

O terceiro grupo a destacarmos refere-se aos estudos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Variacionista. A teoria da variação estuda e analisa a língua em contexto social, isto é, em situações reais de uso. A partir de princípios gerais, essa variação pode ser descrita e analisada cientificamente. Foi nos anos de 1960 que William Labov desenvolveu um modelo teórico-metodológico para mensurar a relação existente entre a variação e o sistema linguístico, com o intuito de demonstrar que a variabilidade e a heterogeneidade linguística são fenômenos presentes em toda e qualquer língua natural (MOLLICA E BRAGA, 2003).

Podemos dizer, então, que a sociolinguística variacionista tem como sua principal função, analisar os aspectos sociais de uma comunidade de falantes (que possuem um sistema linguístico, que pode ou não ser utilizado em sua comunicação social), com a intenção de compreender a estruturação da língua mediante o condicionamento social, daí observar, por exemplo, as variações dos níveis de fala existentes na sociedade e detectar as diferenças entre as camadas socioculturais de falares com nível culto e popular. Como afirma Labov (In: Monteiro, 2000, p.16-17): “A função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado de transmitir informações sobre o falante constitui uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade [...]”.

Discutindo sobre variação linguística, Binatti (2006) pontua que qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe variações. Para Alkmin (2004, p. 32), “Língua e variação são inseparáveis”. Seu estudo, segundo o autor, é uma forma de compreender “[...] a diversidade linguística como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico”.

Ainda conforme Alkmin (2004), o estudo das variáveis deve estar subordinado a alguns fatores, como aos fatores de variação geográfico ou diatópico, social ou diastrático, estilístico ou de registro. Sobre as duas primeiras, variações geográficas e socioculturais, Preti (2003, p. 24) destaca que as variedades geográficas são aquelas “responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares locais” e que conduzem a uma oposição fundamental, linguagem urbana/linguagem rural. Os estudos de caráter geográfico distinguem os falantes que reproduzem a língua conforme os regionalismos, onde a linguagem rural “isolada” está em extinção devido ao avanço dos meios de comunicação e a linguagem urbana, cada vez mais próxima da linguagem comum.

As variedades socioculturais referem-se à idade, sexo, posição social, raça, profissão e outras características do falante, além de também se referir à situação em que ele está inserido, ou seja, ambiente, tema da conversa, grau de intimidade entre ele e o interlocutor, entre outros fatores.

Por fim, a variação estilística ou de registro refere-se à linguagem mais cuidada ou despreocupada, ou seja, formal ou informal, utilizada nas mais diversas situações comunicativas do cotidiano. Como elucida Bortoni-Ricardo (2004), essa variação é regulada pelas instâncias em que os indivíduos estão inseridos, como a escola, a igreja, o trabalho; pelos papéis desempenhados por esses indivíduos,

como filho-pai, empregado-empregador, professor-aluno; ou pelo tópico conversacional (política, religião, esportes, ciências, entre tantos).

Além de estudar as relações entre os grupos sociais e as variedades linguísticas num plano externo à linguagem, a teoria sociolinguística variacionista preocupa-se em compreender a direção da mudança no plano interno da língua, ou seja, em seu sistema, por isso, analisa os processos fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais (MOLLICA E BRAGA, 2003).

Em suma, o papel do sociolinguista deve ser analisar o grau de mutabilidade de uma variação, prevendo seu comportamento e diagnosticando seu caráter regular, sistemático ou mutável. As formas linguísticas alternativas que encontramos no sistema denominamos *variantes* que, como vimos, podem ser de natureza estrutural (intralinguística) ou social (extralinguística).

Objetivando explicar o caráter complexo da variação, Bortoni-Ricardo (2004) propõe um modelo de análise que visa pensar as variedades linguísticas a partir de três *continua*: o *continuum* rural-urbano, que distingue a região de nascimento e/ou pertencimento do falante; o *continuum* oralidade-letramento em que é medido o nível de conhecimento do falante e seu grau de inserção na cultura letrada e nas atividades de oralidade e letramento; e o *continuum* monitoração estilística, em que é observado o grau de formalidade, semiformalidade e informalidade das práticas comunicativas.

Percebemos com o que foi posto que as teorias labovianas inauguram uma concepção de estudos centrada no uso, na fala, em que estabelece uma análise, agora, levando em consideração as comunidades de fala. Os dados coletados e analisados pela teoria da variação possibilitaram e possibilitam ao linguista a sistematização do “caos” linguístico, a compreensão das mudanças em progresso, buscando evidências que demonstrem se o fenômeno investigado está num estágio de mudança ou variação.

2.2 A APLICABILIDADE DA SOCIOLINGUÍSTICA NA SALA DE AULA

A Sociolinguística, como ciência, vem demonstrando, por meio de suas variadas pesquisas, que a homogeneidade da língua não existe. Através das reflexões realizadas por essa disciplina, temos compreendido cada dia mais que a língua, de outro modo, é heterogênea, ou seja, está sujeita a mudanças e suas regras são variáveis.

A aplicabilidade dos princípios sociolinguísticos na sala de aula tem sido defendida por uma série de pesquisadores que compreendem que é preciso refletir sobre o caráter multifacetado da língua, que é preciso ensinar que as diversas situações de comunicação exigem níveis de linguagem diferentes, que cada comunidade carrega características próprias que revelam sua identidade linguística, que a variedade linguística existe e não permite uma configuração reducionista da língua como algo *certo x errado*, *bonito x feio*.

De acordo com BORTONI-RICARDO, 2005, p.15:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade.

Essas questões são mais fortemente marcadas sobre alunos que vêm de grupos sociais em que os falantes compartilham uma variedade desprestigiada. São eles que sofrem maior impacto ao chegar à escola e se deparar com um dialeto prestigiado socialmente que muito se diferencia do seu. À escola cabe ensiná-los da importância das variantes de prestígio, “[...] sob pena de se fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social [...]”. (BORTONI-RICARDO, 2005, p.15).

A tradição de ensino de língua estruturalista, relacionada mais ao aprendizado do sistema, condicionou, ao longo dos anos, os professores a ensinarem a variedade culta da língua, como sendo a única existente. Assim, fatores fonológicos, morfológicos, sintáticos ou lexicais a serem assimilados deveriam ser os relativos a essa variedade. A compreensão que resultou disso é que os fatores linguísticos que se distanciam dessa realidade deveriam ser abandonados, substituídos.

Esse modelo de ensino vem, ao longo dos anos, sofrendo críticas e sendo alvo de reflexões, principalmente porque promove a compreensão de que só temos uma norma possível, e o que se distancia disso é, como dito anteriormente, “feio” e “errado”. Bagno (2011), ao discutir sobre como as variedades são tratadas pela

escola, lembra que algumas ideias são frequentemente reproduzidas, por exemplo, a que a maioria dos brasileiros fala mal o português, a de que é preciso “consertar” o registro oral do aluno, para que ele não reproduza na escrita aquele registro, entre outras concepções.

No ensino de língua materna, é comum o costume inoportuno dos professores em corrigir a fala dos alunos em sala de aula, com comentários que constroem o aluno, como por exemplo: “não é assim que se fala”, “se você falar assim as pessoas vão rir de você”, “você é do sertão, é?”. Esses comentários levam à construção de crenças negativas por parte do aluno sobre a sua própria fala.

Não estamos com isso defendendo que o aluno continue com o padrão coloquial da língua que ele chega à escola. É função da educação formal provê-lo com o padrão culto com o fim de auxiliá-lo no caminho bastante árduo da escala social. Conforme Mollica e Braga (2005), o falante, já nos primeiros anos de vida, utiliza plenamente o padrão coloquial de sua língua. A escola deve assim promover o conhecimento sistematizado dos saberes letrados sob pena de, ao não fazer isso, excluí-lo socialmente, condenando-o à estagnação social.

O professor, nesse cenário, tem papel de profunda relevância, seja no ensino de língua materna, seja no ensino de uma língua estrangeira. É ele o responsável por levar os alunos a compreenderem que, de fato, a língua exige uma fluidez, uma adequação, a depender do contexto, ou seja, para alguns eventos, é imprescindível o uso da variedade culta, prestigiada socialmente, o que não significa que as demais variedades não sirvam a outros propósitos comunicativos também importantes na vida daquele aluno.

Se consideramos, com base em estudiosos como Alkmin (2001), que língua e variação são inseparáveis, e que a diversidade e heterogeneidade é qualidade constitutiva do fenômeno linguístico, é fundamental pensar em formas de apresentar essas características da língua em sala de aula. É fundamental propor, em sala de aula, reflexões que auxiliem as práticas pedagógicas de linguagem que respeitem a diversidade à qual o falante está exposto, tendo como mote as variadas situações comunicativas por ele vividas.

Ainda discutindo sobre a indissociabilidade entre língua e sociedade, Labov (In: Monteiro, 2000, p.16-17) afirma:

A função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado de transmitir informações sobre o falante constitui uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade [...] A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço.

A língua, como sistema, acompanha as mudanças da sociedade e é ela, o próprio reflexo dessas mudanças e dos novos padrões de comportamento que se modificam seguindo as transformações temporais e espaciais. Propiciar, planejar, e desenvolver atividades reflexivas de leitura, produção escrita e análise linguística dos fatores que permeiam a variação linguística, é apresentar ao aluno questões que fazem parte de seu próprio contexto social, cultural e histórico. É fazê-lo refletir e compreender-se como parte integrante de um grupo social, com identidades linguísticas sujeitas às mudanças do tempo. Também é sensibilizá-lo para o fato de que, embora esteja sujeito a uma norma pré-estabelecida, ele, como integrante desse todo, é pela língua influenciado, mas também influencia.

Discutindo sobre os aspectos linguísticos que cabe à escola ensinar, os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) de Língua Portuguesa destinados ao ensino fundamental ressaltam a importância de se considerar a multiplicidade das variedades dialetais presentes no Brasil. Destacam que do ponto de vista geográfico e social há uma grande diferença entre as regiões e essas diferenças identificam grupos específicos que devem ser apresentados nas aulas de português. Além disso, também é destacado que em muitas áreas observamos “[...] preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar [...]” e que é comum que as variedades mais populares sejam consideradas inferiores ou erradas (BRASIL, 1997, p. 26).

Discutindo sobre a noção de “erro” como um conceito socioeconômico e não linguístico, Bortoni-Ricardo (2004, p. 8) pontua:

A noção de “erro” nada tem de linguística – é um (pseudo) conceito estritamente sociocultural, decorrente de critérios de avaliação (isto é, dos preconceitos) que os cidadãos pertencentes à minoria privilegiada lançam sobre todas as outras classes sociais.

Os PCN orientam que deve ser objetivo da escola, como parte de um objetivo maior de respeito às diferenças, a eliminação da crença que há só uma forma correta de falar e de escrever. Quanto à oralidade, é fundamental que o aluno saiba

escolher “[...] quais variedades e registros da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige” (BRASIL, 1997, p. 26).

Da mesma forma, os PCN para o ensino médio também pontuam a necessidade da norma padrão ser considerada como uma das variantes linguísticas da língua portuguesa. Essa variante, conforme as orientações, deve ser apresentada como socialmente privilegiada, porque “[...] representa o poder econômico e simbólico de certos grupos sociais que autorizam sua legitimidade” (BRASIL, 2000, p. 7).

Os PCN para o ensino médio ressaltam, ainda, a importância do respeito às linguagens que devem ser compreendidas como manifestações das diferentes esferas sociais. Embora seja necessário e imprescindível o estudo da variante padrão, essa variante deve ser estudada em comparação com outras variantes. Assim, fatores fonológicos, morfológicos, semânticos e sintáticos devem ser compreendidos nas variadas formas que se apresentam nos níveis formais e informais da linguagem.

No tocante às Línguas Estrangeiras Modernas, os PCN para o ensino médio enfatizam a necessidade do ensino de línguas abandonar as práticas puramente metalinguísticas, e destacam a importância do ensino não se reduzir ao “[...] domínio consciente de regras gramaticais”. (BRASIL, 2000, p. 26). O objetivo, conforme as orientações, deve ser a ampliação das competências comunicativas. Entre elas:

Saber distinguir entre as variantes linguísticas.
Escolher o registro adequado à situação na qual se processa a comunicação.
Escolher o vocábulo que melhor reflita a ideia que pretenda comunicar.
Compreender de que forma determinada expressão pode ser interpretada em razão de aspectos sociais e/ou culturais [...] (BRASIL, 2000, p. 28).

Essas competências, segundo os PCN, não podem ser compreendidas separadamente, mas como componentes interconectados estritamente vinculados ao ato comunicativo. Dessa forma, fica evidente, que a competência gramatical, outrora parte mais significativa, passa a dar lugar “[...] a competência sociolinguística, a competência discursiva e a competência estratégica”, fatores essenciais na efetuação da comunicação (BRASIL, 2000, p. 29).

2.3 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE ESPANHOL

A sociolinguística para o ensino de Espanhol como Língua Estrangeira é primordial, principalmente ao se tratar da variação diatópica, isso para que o aluno tenha conhecimento da ampla diversidade linguística encontrada na língua Espanhola. Segundo Mollica (2007, p. 9), “[...] todas as línguas apresentam dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”. Ou seja, a Sociolinguística está totalmente vinculada à função comunicativa da língua em uso social, e serve para identificação de grupos e na demarcação de diferenças sociais na comunidade.

Deixar de considerar esses fatores no contexto escolar e na sala de aula de língua leva apenas a um mero estudo de estruturas normativas, deixando de lado os usos linguísticos concretos. Dessa forma, é fundamental que as atividades de ensino de uma língua, seja ela materna, seja ela estrangeira, contemplem o caráter heterogêneo inerente a todas as línguas, sob pena de, por conta desse reducionismo, não conhecermos, como alunos, toda a multiplicidade da língua de estudo.

O professor de ELE (Espanhol como Língua Estrangeira) deve se preocupar com uma metodologia que vá além dos limites do ensino da norma padrão da língua, ou seja, deve estar pautado na diversidade linguística, apresentando a existência de variedades linguísticas que não estão previstas pela norma, mas que estão presentes nos diversos gêneros discursivos e, por isso, são usadas pelos falantes das diversas variedades, nos diferentes contextos.

Com o surgimento do conceito de competência comunicativa, que Travaglia (2002, p.17) define como “a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação”, se um aluno está em uma conversa informal com seus amigos usará uma variante da língua diferente da que utilizaria em um ambiente mais formal como em uma apresentação de um seminário. Partindo desse ponto de vista, de que a variação linguística nada mais é que uma realidade concreta na comunicação, isso leva à escola trabalhar com a variação para que o aluno possa ter acesso às diferentes variedades da língua e, além disso, saber em

qual contexto social pode ser aplicada cada tipo de variante, e assim, não restringir o ensino da língua à norma padrão.

Conforme afirma Labov (1978), uma análise da variação linguística não constitui uma mera descrição da gramática e sim uma descrição da língua que vai além dos manuais de gramática. Vale salientar que a competência sociolinguística é elemento indispensável para que o aluno desenvolva sua competência comunicativa. Além disso, segundo Tarallo (1999, p.17), a variação linguística é essencial para a competência sociolinguística, nas quatro habilidades: falar, ouvir, ler e escrever, eixos fundamentais no ensino de língua estrangeira.

Rodrigues (2005, p. 28), discutindo sobre a importância de se considerar a heterogeneidade linguística e sobre a função da escola de encontrar formas para trabalhar essa questão, pontua:

O livro didático de língua estrangeira deveria fornecer subsídios para que o aluno pudesse interagir nas diversas situações comunicativas: se a língua tem um caráter heterogêneo, estes subsídios deverão contemplar as variações da língua alvo em função de diversos fatores, como a região geográfica, os aspectos sociais e os contextos.

Os livros didáticos de língua materna, atualmente, embora já contemplem as questões inerentes à multiplicidade da língua, ainda a reduzem ao eixo diatópico, ou seja, preocupam-se apenas com as variedades regionais, como dito anteriormente. Nos livros de língua estrangeira, quando a variação linguística aparece, ainda aparece de forma tímida, predominando, comumente, a abordagem estruturalista dos conteúdos e as atividades de viés mais tradicional.

É imprescindível, contudo, que o aluno de LE (Língua Estrangeira) conheça a diversidade linguística da língua que estuda e que esteja, dessa forma, livre para escolher qual variação é mais adequada àquela situação comunicacional. Nesse sentido, é importante que as variedades linguísticas sejam apresentadas em atividades e textos, e que o professor planeje a apresentação do idioma em suas diversas formas de existência.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (1999, p.47):

A questão da variação linguística em Língua Estrangeira pode ajudar não só a compreensão do fenômeno linguístico da variação na

própria língua materna, como também do fato de que a língua estrangeira não existe só na variedade padrão, conforme a escola normalmente apresenta.

As Orientações Curriculares Nacionais de Língua Espanhola para o Ensino Médio (OCNEM) propõem que o professor de Língua Espanhola esforce-se na intenção da apresentação desta variedade, utilizando, para isso, tanto os livros didáticos que têm acesso, quanto outros materiais que tiver contato.

Um exemplo de atividade que o professor pode pensar para o trabalho com a variação linguística é explorar a variação diafásica, que é aquela que se dá em função do contexto comunicativo, abordando o uso dos pronomes de tratamento “tú”, “vos”, “usted”, “vosotros” e “ustedes” em situações formais e informais, observando o uso do pretérito perfeito simples e do pretérito perfeito composto do indicativo a partir de jornais dos diversos países de Língua Espanhola.

Conforme ensina Bortoni-Ricardo (2005), a variação linguística não apenas marca a identidade social do falante como amplia a eficácia da comunicação entre os usuários da língua. No ensino de língua, tanto materna quanto estrangeira, fazer o aluno perceber as variedades é não apenas apresentá-los às múltiplas formas de apresentação dessa língua, mas possibilitá-lo transitar entre os diversos espaços de comunicação.

O professor de Língua Espanhola, ao apresentar o espanhol a seus alunos, o faz a partir da sua própria realização do idioma que, coerentemente, é uma realização mais formal e monitorada. Contudo, não é prejuízo, no aprendizado desse idioma, que outras modalidades menos formais e menos monitoradas, ou seja, mais próximas às realizações do usuário nativo comum, sejam conhecidas. Isso pode contribuir, inclusive, para a minimização do preconceito linguístico.

De acordo com Santos (2002, 2005), é comum que os alunos brasileiros que estudam a Língua Espanhola concebam como única regra a variedade peninsular utilizada na Espanha, por uma tradição de considerá-la um modelo de língua mais adequado e elegante. Conforme as Orientações Curriculares de Espanhol para o Ensino Médio (2005, p.136):

O fato de o professor empregar uma variedade qualquer não o exime do dever de mostrar aos alunos que existem outras, tão ricas e válidas quanto à usada por ele, e, dentro do possível, criar

oportunidades de aproximação a elas, derrubando estereótipos e preconceitos.

O professor, dependendo de seu posicionamento frente a essas questões, pode proporcionar um contato importante do aluno com as questões linguísticas que extrapolam o estudo das regras gramaticais, que envolvem, por exemplo, aspectos sociais e culturais dessa língua. Geralmente, no contexto de ensino, essas variações são mostradas como “curiosidades” muito relativas ao vocabulário apenas.

Nesse sentido, é muito importante a inserção dos gêneros textuais. Gêneros como músicas, poemas, contos locais, crônicas da língua a ser estudada, ajudam a compreensão mais ampla das questões relacionadas à cultura, aos costumes regionais, os ritos, entre outras coisas. Anúncios publicitários, tirinhas, charges e outros gêneros que aliam linguagem verbal e não-verbal, auxiliam a uma compreensão mais ampla dos hábitos sociais dos falantes da língua, das regiões que usam a língua e do povo nativo que utiliza o idioma como língua materna. E, claro, todos esses gêneros subsidiam um trabalho que pode e deve ampliar o conhecimento da estrutura linguística da língua em foco.

Sobre o ensino de língua como forma de ampliar o conhecimento do aluno não apenas sobre as regras dessa língua, mas, sobretudo, como veículo de comunicação de um povo, explicam os PCN (2000, p. 11):

É preciso pensar-se no processo de ensino-aprendizagem das línguas estrangeiras, em termos de competências abrangentes e não estáticas, uma vez que uma língua é o veículo, por excelência, de comunicação de um povo e, através de sua expressão, esse povo transmite sua cultura, suas tradições e seus conhecimentos.

É importante, pois, que o ensino de uma língua estrangeira seja feito de forma gradual e a partir de atividades contextualizadas, por meio da compreensão, por parte do professor, do nível apresentado pelo seu aluno. São muitas as possibilidades e estratégias para o ensino de variação, pois ela está presente em diversos gêneros textuais. Cabe ao professor, seguindo o perfil de seu alunado, encontrar as melhores ferramentas para o ensino dessas variedades, buscando sempre relacioná-las a diferentes contextos comunicativos, ou seja, essas estratégias de ensino devem ser pensadas em ações pedagógicas planejadas com consciência e cuidado.

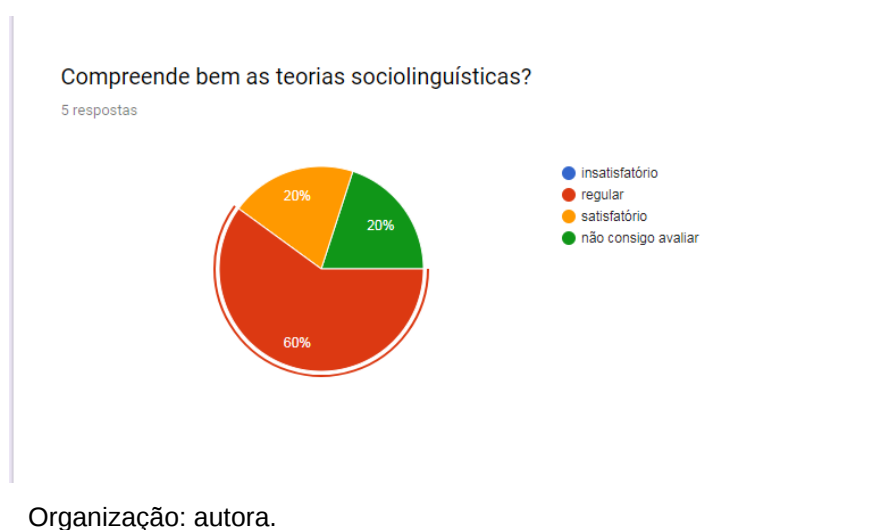
O importante é que o processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira seja feito para ampliar a capacidade comunicativa do aluno, permitindo-lhe transitar nos espaços de socialização, cada vez mais conectados em rede, e oportunizar o conhecimento de uma língua funcional, em que as estruturas gramaticais são utilizadas para servir aos mais variados propósitos comunicacionais.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Sendo o objetivo de nossa pesquisa, compreender como professores de Língua Espanhola compreendem as questões relativas à variação linguística e como trabalham essas questões em suas aulas, pedimos para que respondessem um questionário com oito questões que inquirem sobre a compreensão desses professores a respeito das teorias sociolinguísticas, sua importância, e a contribuição dessas teorias para o ensino de Língua Espanhola. A seguir, apresentaremos os questionamentos formulados, os gráficos construídos a partir das respostas obtidas e uma breve análise dos resultados.

Na 1ª questão: Você compreende bem as teorias sociolinguísticas?

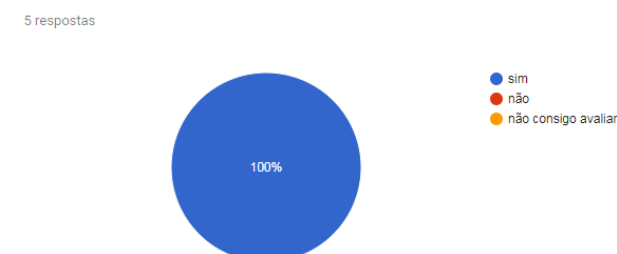
Gráfico 1 – Avaliação pessoal realizada por professores de Língua Espanhola sobre seu conhecimento das teorias sociolinguísticas.



A percepção sobre a própria compreensão das teorias linguísticas foi predominantemente regular. 20% acreditam que é uma compreensão satisfatória e

outros 20% não conseguiram avaliar. Acreditamos que esses dados demonstram uma carência a respeito do conhecimento da maioria dos professores de Língua Espanhola sobre a temática. Pensamos que esses dados podem refletir a própria formação desse professor no curso de Espanhol, que ainda privilegia um olhar de cunho mais tradicionalista sobre o idioma, uma vez que aprender outra língua ainda é visto como uma atividade gramatical e os modelos que se seguem ainda são os modelos mais formais dessa língua. Na 2ª questão, vimos se os professores acham ser é possível trabalhar a Sociolinguística nas aulas de espanhol.

Gráfico 2 – Avaliação dos professores de Língua Espanhola sobre a possibilidade de trabalhar a Sociolinguística nas aulas de espanhol

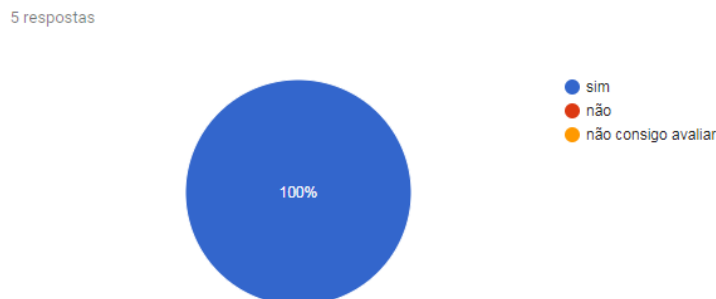


Organização: autora.

Todos os entrevistados acreditam que é possível trabalhar as questões relativas à Sociolinguística. Esse resultado foi curioso, uma vez que não dialoga com os dados apresentados na primeira questão, que aponta que os professores não conhecem tão bem as teorias sociolinguísticas. Pensamos que esse resulta revela, talvez, a disponibilidade desses professores em conhecer melhor essas teorias e que, de alguma forma, embora não a conheçam em profundidade, foram apresentados a elas no decorrer de sua formação, nos livros didáticos ou em outros materiais que tenham contato.

Acreditamos que esses dados também revelam a importância de disseminação das teorias sociolinguísticas, já que a concepção de ensino que tem por base essas teorias não ensina a língua de forma isolada, mas, de outra forma, intenta tornar o aluno de línguas estrangeiras um falante ativo em qualquer contexto comunicacional, capaz de transitar em qualquer meio social, adequando-se linguisticamente a essas situações. A 3ª questão, avalia se é importante trabalhar a Sociolinguística nas aulas de espanhol, na percepção dos professores.

Gráfico 3 – Avaliação dos professores de Língua Espanhola sobre a importância de trabalhar a Sociolinguística nas aulas de espanhol

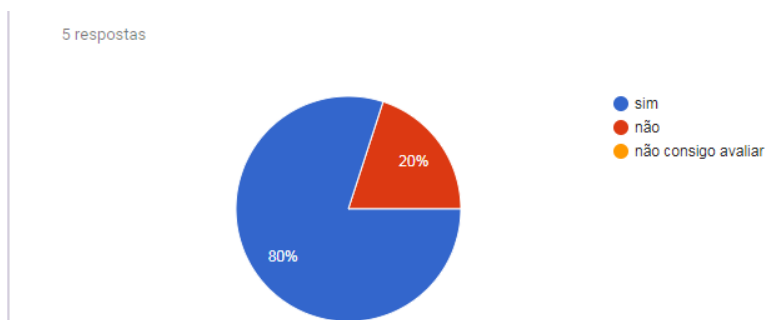


Organização: autora.

Todos os entrevistados acreditam que a teoria Sociolinguística e por consequência as questões da variação linguística são importantes de serem trazidas à aula de espanhol. Acreditamos que esse resultado revela que a questão da diversidade é tida como traço imprescindível a compreensão de qualquer língua.

Sabemos que toda comunidade se caracteriza pelo emprego de diferentes modos de falar, e essas variedades refletem a própria caracterização da comunidade. O trabalho em sala de aula deve revelar a diversidade linguística, de forma a fazer os alunos compreenderem que não há apenas a norma culta e padrão, mas que as normas populares e coloquiais também fazem parte do idioma aprendido e que essas normas têm suas aproximações e distanciamentos. Já na 4ª questão, questionar aos professores sobre a presença do tema da variação linguística deve nas aulas de espanhol nos níveis do ensino fundamental e médio.

Gráfico 4 – Avaliação dos professores de Língua Espanhola sobre o trabalho com as variações linguísticas nos níveis do ensino fundamental e médio



Organização: autora.

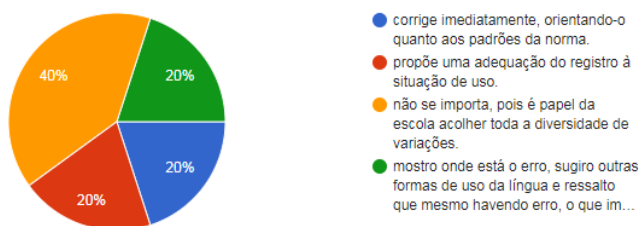
Ampla maioria dos entrevistados acredita que, tanto no ensino fundamental, quanto no ensino médio, a temática da variação linguística deva estar presente nas aulas de espanhol. Acreditamos que esses dados revelam que, mesmo que a referência de ensino seja a modalidade mais formal do idioma, é importante que os alunos, tanto do ensino fundamental (terceiro e quarto ciclos), quanto do ensino médio, sejam apresentados às variedades linguísticas do idioma estudado, pois, só assim, poderão dominar formas diferentes de se comunicar nos diferentes tipos de situações e com os diferentes tipos de “hispanohablantes”.

Pertinente repetir que, tanto os PCN de Língua Estrangeira (terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental) quanto os PCN para o ensino médio orientam um trabalho voltado para a compreensão da língua em seu aspecto multifacetado. Os PCN para ensino fundamental, em seu texto, orientam que o professor deve estar atento para ensinar uma língua estrangeira com enfoque nas “[...] escolhas linguísticas que as pessoas fazem para agir no mundo social” e que levem sempre em consideração que “[...] comunidades de falantes de regiões diferentes de um mesmo país variam no uso da língua” (BRASIL, 1998).

Os PCN para o ensino médio, referindo-se especificamente ao ensino de espanhol, orientam que o professor deve levar o aluno a conhecer a heterogeneidade do espanhol, substituindo “[...] o discurso hegemônico pela pluralidade linguística e cultural do universo hispanofalante”. Assim, entendemos que planejar atividades diversificadas já no ensino fundamental fortalece a compreensão de um idioma plural e híbrido. Na 5ª questão, saber qual posicionamento do professor ao ouvir/ler um desvio da norma padrão realizado por um aluno, você: a. corrige imediatamente, orientando-o quanto aos padrões da norma. b. propõe uma adequação do registro à situação de uso. c. não se importa, pois é papel da escola acolher toda a diversidade de variações. d. outros.

Gráfico 5 – Comportamento dos professores de Língua Espanhola ao ouvirem ou lerem um desvio da norma padrão

5 respostas



Organização: autora.

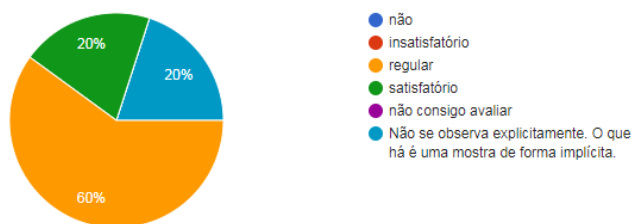
Como nosso universo de pesquisa foi composto por poucos informantes, podemos dizer que nessa questão cada professor apresentou um comportamento diferente em relação ao desvio da norma padrão realizado por um aluno. Observamos que há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais, isso fortalecido pelos próprios professores.

Observamos que um professor corrige imediatamente, orientando o aluno quanto aos padrões da norma. Outro propõe uma adequação do registro à situação de uso, ou seja, mostra que naquela situação específica, o aluno deve valer-se de uma modalidade mais culta do idioma, já que está no ambiente escolar, aprendendo sobre as normas de uma linguagem. Outro informante entende que é papel da escola acolher toda a diversidade de variações. Por fim, um informante relatou que mostra onde está o “erro”, sugerindo outras formas de uso da língua e ressaltando que mesmo havendo “erro”, o que importa é a efetiva comunicação.

Sabendo que algumas formas de expressão, falada ou escrita, podem estigmatizar socialmente quem a falou ou escreveu, enquanto outras podem valorizá-los socialmente, fica evidente que há preocupação dos professores em informar aos alunos que dadas modalidades devem ser evitadas em determinados contextos. Não vemos problema nisso. A preocupação instaurada é quando a escola e os professores de língua, seja materna, seja estrangeira, ignoram as variações das línguas, impondo um modelo de linguagem, sem reflexão sobre seus usos. Será que o tema da variação linguística está presente nos livros didáticos utilizados pela escola? É sobre isso que vai tratar a 6ª questão.

Gráfico 6 – Avaliação dos professores de Língua Espanhola quanto à presença do tema da variação linguística nos livros didáticos adotados pela escola

5 respostas



Organização: autora.

A maioria dos entrevistados afirma que a variação linguística pode ser encontrada nos livros didáticos adotados pela escola onde trabalham. Acreditamos que esse dado é interessante na medida em que sabemos, a partir da leitura de estudos sobre coleções destinadas ao ensino de espanhol¹, que a maior parte dos LDs ainda foca as atividades estruturais em detrimento de um trabalho mais pluralista da linguagem.

Da mesma forma, tivemos acesso aos livros didáticos adotados pelas escolas-campo pesquisadas. Em todos eles, observamos um ensino de língua mais padrão, que toma como base a língua oficial da Espanha, especificamente a língua falada e escrita na capital Madri².

Sabemos que é importante que o professor de Língua Espanhola não se limite ao livro didático, pois, embora seja recurso indiscutivelmente importante, outros recursos podem auxiliar a compreensão do caráter plural da linguagem, principalmente, hoje, quando temos acesso, como professores, a ricos materiais didáticos e a inúmeros gêneros textuais. Contudo, ressaltamos a importância de que o material mais utilizado da escola, o LD, seja mais democrático em sua apresentação do idioma estudado. Em seguida na 7ª questão, pergunta ao professor se ele acha que as discussões sobre variação linguística contribuem para um maior conhecimento da Língua Espanhola.

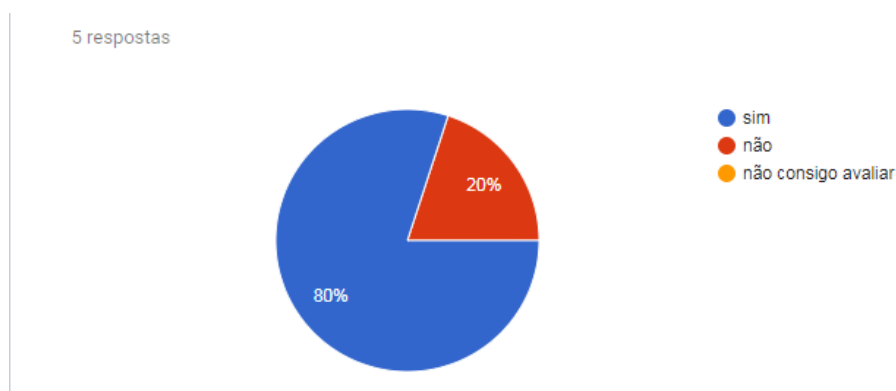
¹ Consultar:

PONTES, Valdecy de Oliveira; FRANCIS, Mariana. **As variedades linguísticas nas atividades de tradução em livros didáticos de espanhol do PNLD-2011**. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20795/1/2014_capliv_vopontes.pdf. Acesso em: 25 de abril de 2018.

PRAXEDES, Renata Arnaud de Lucena; SILVA, Thayanny Jacinta Lima e. **Diversidade linguística e cultural do espanhol: análise de um livro de didático**. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/>. Acesso em: 25 de abril de 2018.

² Como exemplo de Livro Didático pesquisado, podemos citar o livro: OSMAN, Soraia. et al. **Enlaces: español para jóvenes brasileños**. São Paulo: Macmillan, 2007.

Gráfico 7 – Avaliação dos professores de Língua Espanhola sobre a ampliação do conhecimento da Língua Espanhola a partir do ensino de variação linguística



Organização: autora.

A maioria dos professores entrevistados acredita que o conhecimento das variações linguísticas da Língua Espanhola amplia o conhecimento dessa língua. Entendemos, assim como os professores entrevistados, que a ampliação do conhecimento do caráter diversificado da Língua Espanhola contribui também para a diminuição do preconceito linguístico das modalidades mais informais desse idioma.

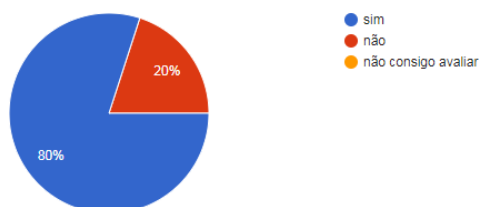
Os professores entendem que à escola cabe, principalmente, o ensino da variedade padrão, mas que é importante que as variedades não-padrão, consideradas inferiores e erradas, sejam conhecidas e sejam conhecidos os motivos sociais, econômicos e regionais que as motivam.

Em nossa opinião, essas discussões contribuem para revelar as diferenças existentes na língua espanhola e para informar que as atividades de leitura e escrita devem contemplar essas questões. Essas discussões também mostram que é preciso livrar-nos de vários mitos e crenças insustentáveis que produzem uma verdadeira mutilação cultural, uma vez que a língua é um reflexo da cultura.

Do ponto de vista teórico, o professor de língua, em particular, deve manter uma postura crítica em relação a seu objeto de trabalho, não se limitando a transmitir apenas o caráter gramatical da Língua Espanhola, mas, de outra forma, aspectos que façam o aluno transitar linguisticamente de maneira diferente, tanto na oralidade, quanto na escrita. Contudo será que o ensino das variações linguísticas ajuda a diminuir o preconceito linguístico? A 8ª questão nos revela o que os professores pensam a respeito.

Gráfico 8 – Avaliação dos professores de Língua Espanhola sobre a diminuição do preconceito linguístico a partir do ensino de variação linguística

5 respostas



Organização: autora.

A maioria dos entrevistados entende que o ensino das variações linguísticas ajuda a diminuir o preconceito linguístico. Acreditamos, com base nas leituras e na análise dos dados, que já há uma consciência vigente, embora não profunda, sobre as questões sociovariacionistas, que entram em choque com as ideologias vigentes que compreendem o padrão culto e formal como o único possível.

A percepção de que o conhecimento sobre as variedades pode contribuir para a diminuição do preconceito linguístico revela, intrinsecamente, que os professores entendem que o ambiente escolar é propício para o preconceito linguístico e que a escola deve se somar aos esforços para minimizar essa realidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi exposto, sobre algumas questões relacionadas à variação linguística no âmbito escolar e suas representações para ensino de Espanhol, podemos dizer que é de suma importância que o aluno tome conhecimento do fenômeno de variação e que, dessa forma, ele possa escolher conscientemente qual variante do Espanhol deve utilizar nos diversos contextos comunicativos.

A finalidade dessa metodologia é proporcionar aos alunos momentos de reflexão linguística, ao fazer com que explorem as diversas possibilidades de usos

da linguagem, sejam elas deflagradas por questões regionais, sociais ou situacionais.

É importante que o professor traga para a sala de aula um trabalho planejado sobre a questão das variantes linguísticas, transformando-as em unidades de estudo, motivando, assim, o aluno a valorizar o contato com as diversas formas de manifestação da Língua Espanhola, seja na modalidade oral, seja na modalidade escrita da língua, fazendo-o observar os fatores que influenciam os padrões da norma culta e tornando-o capaz de compreender o funcionamento e a estrutura da língua, de modo que ele amplie, efetivamente, sua competência discursiva, mediante reflexões continuadas.

Nesse processo, compreendemos a importância de conscientizar o aluno de que a língua não é homogênea e que o normal está exatamente na heterogeneidade. O aluno deve compreender que a variação torna o indivíduo capaz de entender a sua relação linguística com o mundo e que, ao estudar a variante padrão e não padrão, esse estudo o auxiliará a superar as necessidades inerentes à comunicação, além de perceber a dependência positiva estabelecida entre ambas.

Como foi visto nas respostas dadas ao questionário aplicado, tivemos exemplos pragmáticos de como as situações que envolvem a variação não são muito valorizadas no ambiente de ensino/aprendizagem. Isso porque, dentre outros fatores, essas situações não estão presentes em muitos manuais didáticos, que em sua maioria prioriza apenas um espanhol mais culto/padrão, sem sequer abordar os demais.

Se o professor não tem o conhecimento teórico em relação à variação, ou caso tenha, não o coloca em prática em suas aulas de espanhol, como é que o aluno adquirirá um conhecimento mais múltiplo acerca da Língua Espanhola?

Para iniciar essa pesquisa, partimos de um questionamento principal: os professores de Língua Espanhola trabalham as variações do espanhol em suas aulas? Se o fazem, como fazem? Constatamos com os resultados que mesmo a percepção das teorias sociolinguísticas ainda é superficial. Os que demonstraram conhecer o tema, falaram vagamente sobre sua importância, mas não aprofundaram nenhuma questão. Embora reconheçam unanimemente a possibilidade de se trabalhar essas questões na aula de espanhol, não sabem como fazê-lo.

O livro didático também foi ponto interessante na discussão. Embora a maioria tenha apontado a presença da variação linguística no livro didático, nossa

pesquisa confirmou, com base na leitura dos livros adotados pelas escolas pesquisadas, que as atividades de leitura, produção textual e análise linguística desenvolvem-se a partir de uma perspectiva mais padrão e tradicional, tendo por base a língua culta falada na capital da Espanha.

Por fim, podemos pontuar que mesmo que ainda não introduzam os temas sociovariacionistas em suas aulas, os professores acreditam que esses assuntos ajudam a minimizar o preconceito linguístico e que a escola deveria ser um agente mais eficiente no combate a ele.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Gramática e o ensino de línguas**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 26 ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARALO, Marta. **La adquisición del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco/Libros, 1999.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em Língua Materna: a Sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- _____. **Nós cheguem na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2005.
- _____. **Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.
- INSTITUTO CERVANTES. **Español una lengua viva**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2010.
- KRAVISKI, E.R.A. **Estereótipos culturais: o ensino de espanhol e o uso da variante argentina em sala de aula**. Dissertação (Mestrado em Letras - Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná), Curitiba, 2007.
- LABOV, W. Sociolinguistic patterns. **Philadelphia**: University of Pennsylvania Press, 1972.
- MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luiza (orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 3 edição. São Paulo: Contexto, 2007.
- MORENO FERNÁNDEZ, M.F. **Qué español enseñar**. Madrid: Arco/Libros, 2000.
- _____. **Las variedades de la lengua española y su enseñanza**. Madrid: Arco/Libros, 2010.
- PONTES, Valdecy de Oliveira. **Abordagem das categorias verbais de tempo, aspecto e modalidade por livros didáticos de língua portuguesa e de língua espanhola: uma análise contrativa**. Monografia apresentada no Curso de

Especialização em Linguística Aplicada da Faculdade 7 de setembro, Fortaleza, 2009.

RAMA, Ángel. **Transculturación narrativa en América Latina**. Montevideo: Fundación Ángel Rama, 1982.

SANTOS, H.S. **O papel de estereótipos e preconceitos na aprendizagem de línguas estrangeiras**. In: Anales del II congreso brasileño de hispanistas, 2002, São Paulo.

_____. **Quem sou eu? Quem é você? Será que agente pode se entender?** As representações no ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, DLM – FFLCH –USP. Inédita, 2005.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17ª Ed. São Paulo: Ática, 2005.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7. Ed. São Paulo: Ática, 2005.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **O ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 1996.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UEAD – UNIDADE DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
LÍNGUA ESPANHOLA



Prezado(a) professor(a):

Estamos pesquisando sobre a presença das variações linguísticas nas aulas de Língua Espanhola. Agradecemos sua colaboração e disponibilidade para preenchimento desse questionário.

Glécia Silva (graduanda)
Fernanda Barboza de Lima (orientadora)
Curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola

QUESTIONÁRIO

1. Compreende bem as teorias sociolinguísticas?

() insatisfatório () regular () satisfatório () não consigo avaliar

2. Você acha que é possível trabalhar a Sociolinguística nas aulas de espanhol?

() sim () não () não consigo avaliar

3. Você acha que é importante trabalhar a Sociolinguística nas aulas de espanhol?

() sim () não () não consigo avaliar

4. Acha que o tema da variação linguística deve estar presente nas aulas de espanhol nos níveis do ensino fundamental e médio?

() sim () não () não consigo avaliar

Observações:

5. Ao ouvir/ler um desvio da norma padrão realizado por um aluno, você:

() corrige imediatamente, orientando-o quanto aos padrões da norma.

() propõe uma adequação do registro à situação de uso.

() não se importa, pois é papel da escola acolher toda a diversidade de variações.

Outro:

6. O tema da variação linguística está presente nos livros didáticos utilizados pela escola?

() não avaliar () insatisfatório () regular () satisfatório () não consigo avaliar

7. Você acha que as discussões sobre variação linguística contribuem para um maior conhecimento da Língua Espanhola?

() sim () não () não consigo avaliar

8. Você acredita que o ensino das variações linguísticas ajuda a diminuir o preconceito linguístico?

() sim () não () não consigo avaliar